



Assim era a residência-igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Guarapari...

... agora: uma casa paroquial acaba com o sonho da reconstrução.

Um abalo na cultura de Guarapari

AJ11-426

Alvaro Muniz

Que o Espírito Santo é um Estado sem memória ninguém duvida. E que esta situação está próxima de ser resolvida é uma utopia que nem mesmo capixaba mais bairrista ousaria afirmar. Já foram realizados seminários, debates, atos públicos, passeatas, e outras formas de protestos na tentativa de modificar esse descaso e desrespeito com o patrimônio histórico e cultural do Estado. Mas os gritos de protestos se perderam no ar. E os projetos, quase sempre, são engavetados.

Agora, mais uma vez, a história se repete. "O acervo cultural da memória capixaba e mesmo brasileira, em Guarapari, sofre um duro golpe com a falta de sensibilidade histórica e artística das autoridades, bispo, prefeitura e Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan)", ao permitir a construção de uma casa paroquial no morro da Velha Matriz, ao lado da igreja e encostada nas ruínas históricas da residência dos jesuítas. A igreja foi construída em 1585 e a residência em 1600.

"Em qualquer país, apenas um pouco mais desenvolvido, construções como estas merece-

A falta de sensibilidade histórica e artística está acabando com mais um patrimônio do Espírito Santo. Mas um padre promete levar a luta pela preservação da matriz de Guarapari até o final.

riam mais respeito. Aqui não. Uma obra de 1600 ou de 1986 é encarada da mesma forma".

A obra — que já está bem adiantada — aparece mal-localizada, colada nas ruínas. "Medíocre, como os seus próprios idealizadores. O sonho de um dia poder-se reconstruir aquela residência para ser a Casa da Cultura de Guarapari virou um pesadelo. E a obra continua à toda, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Pode? Claro que sim. Aqui tudo é possível".

PROTESTO

Pelo menos uma voz tem se levantado contra mais esse crime contra o patrimônio histórico e cultural do Estado. E essa voz, por ironia, não é capixaba e nem tampouco brasileira. É do padre Antônio Nunes, espanhol, 39 anos de sacerdócio e há 21 na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Guarapari.

Com 62 anos, mas com disposição de um jovem, ele atira suas farpas em todas às pessoas que jul-

ga serem responsáveis "por esse descabro". Um estudioso da arte sacra, ele deixa transparecer toda a sua emoção quando fala do assunto:

"A Sphan cometeu um erro imperdoável. Notificada há seis meses de que se estava construindo aquela obra sem o seu consentimento oficial, embarga-o por estar contra as leis. Numa reviravolta, no mínimo surpreendente, o órgão desembargou e autorizou que se prosseguisse a construção. Resultado: o patrimônio de Guarapari foi lesado".

No início, quando a obra foi embargada, e mesmo depois, quando veio o sinal verde dos órgãos oficiais para que a casa continuasse a ser construída, o padre Antônio Nunes ainda teve a ilusão e que, pelo menos, a planta tivesse sido modificada. Puro engano. Nada aconteceu.

Inconformado com a situação, ele resolveu procurar uma justificativa dos supostos responsáveis. "Que responsáveis?" Com seu

Volkswagen, da década de 60, ele começou a bater de porta em porta. Primeiro foi à Prefeitura de Guarapari, depois à Ufes, procurando pelo representante da Sphan no Estado. Não encontrou respostas, os "filhos do silêncio" estavam mais do que em evidência.

AMOR À ARTE

O padre Antônio Nunes faz questão de afirmar que é um homem que divide seu tempo entre a paróquia e seus fiéis e as artes. Não poderia ser de forma diferente. Ele foi professor de Desenho Artístico no antigo curso de Belas Artes da Ufes. E já teve um convívio muito próximo com alguns nomes famosos das artes plásticas capixabas.

O padre reconhece que o terreno onde está sendo construída a Casa Paroquial pertence à Cúria Metropolitana de Vitória, mas não admite que uma simples construção acabe com um patrimônio histórico. As respostas que ele está procurando e que até o momento não foram encontradas, não servi-

ram para tirar seu ânimo:

"Continuarei, fazendo tudo o que estiver ao meu alcance para tentar embargar novamente essa obra. Procurarei todos os meios legais possíveis". Uma outra barreira encontrada pelo padre para que sua luta ganhe força está na pouca conscientização dos fiéis que comparecem à sua paróquia. "Apenas um pequeno grupo se mostra sensível e condena a destruição".

Ele revela ainda que a construção da casa paroquial foi uma surpresa até mesmo para ele. Apesar de ser o reitor da antiga Igreja da Conceição, padre Antônio diz não ter sido consultado, em nenhum momento, sobre a viabilidade ou não da obra e, pior, quando foi procurar resolver a questão como diálogo, não mereceu o mínimo de atenção.

"Pelos antecedentes criminais contra o patrimônio histórico e cultural do Estado, não é preciso nenhuma análise profunda para antever o resultado final da história". Apesar de todo o esforço de mobilização dirigido pelo padre Antônio, no sentido de embargar a obra, mais uma vez, "forças estranhas estarão agindo por trás para garantir a construção até o seu final". Alguém apostaria no contrário?